

O discurso antivacina no ontem e no hoje: a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19, uma abordagem a partir da Análise do Discurso

The anti-vaccine discourse yesterday and today: the Vaccine Revolt and the covid-19 pandemic, a Discourse Analysis approach

El discurso antivacunas ayer y hoy: la Revuelta de las Vacunas y la pandemia da covid-19, una aproximación desde el Análisis del Discurso

Samuel Santos da Rosa^{1,a}

samuel.sdrosa@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-7209-6644>

Thiago Henrique Bragato Barros^{1,b}

bragato.barros@ufrgs.br | <https://orcid.org/0000-0001-7439-5779>

Rita do Carmo Ferreira Laipelt^{1,c}

rita.laipelt@ufrgs.br | <https://orcid.org/0000-0002-7429-8490>

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Porto Alegre, RS, Brasil.

^a Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

^b Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

^c Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

RESUMO

A pesquisa pretende identificar elementos ideológicos e históricos diante das formações discursivas do discurso antivacina no Brasil, à luz do passado (Revolta da Vacina) e do presente (pandemia da covid-19). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa documental-qualitativa. O *corpus* de análise é composto por seis enunciados, três da Revolta da Vacina e três da covid-19, tendo como método a Análise do Discurso. Como resultado, foram identificadas três facetas do discurso antivacina: a) medo do desconhecido e desconfiança na eficácia dos imunizantes; b) honra em jogo e interesse institucional sobre a vacinação; c) liberdade e morte, obrigatoriedade da vacina. Conclui-se que, ainda que o discurso antivacina no Brasil seja tão antigo quanto o primeiro método de vacinação, é fundamental superar o fosso entre comunidade científica e sociedade em geral, a fim de combater desinformação com informação científica, levando o fantasma do discurso antivacina ao esquecimento.

Palavras-chave: Movimento contra vacinação; Covid-19; Revolta da Vacina; Pandemias; Análise do Discurso.

ABSTRACT

The research aims to identify ideological and historical elements in the face of the discursive formations of the anti-vaccine discourse in Brazil, in the light of the past (Vaccine Revolt) and the present (covid-19 pandemic). Methodologically, this is a documentary-qualitative research. The *corpus* of analysis is composed of six statements, three from the Vaccine Revolt and three from the covid-19, using Discourse Analysis as method. A result, three facets of the anti-vaccine discourse were identified: a) fear of the unknown and distrust in the effectiveness of immunizers; b) honor at stake and institutional interest in vaccination; c) freedom and death, the mandatory vaccine. It is concluded that, although the anti-vaccination discourse in Brazil is as old as the first vaccination method, overcoming the gap between scientific community and society in general is essential, in order to fight misinformation with scientific information, taking the ghost from the anti-vaccine discourse to oblivion.

Keywords: Anti-vaccination movement; Covid-19; Vaccine Revolt; Pandemics; Discourse Analysis.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo identificar elementos ideológicos e históricos frente a las formaciones discursivas del discurso antivacunas en Brasil, la luz del pasado (Revolta de las Vacunas) y del presente (pandemia de covid-19). Metodológicamente se trata de una investigación documental-cualitativa. El corpus consta de seis enunciados, tres de la Revuelta de las Vacunas y tres del covid-19, utilizando como método el Análisis del Discurso. Como resultado, se identificaron tres facetas del discurso antivacunas: a) miedo a lo desconocido y desconfianza en la efectividad de los inmunizadores; b) honor en juego e interés institucional en la vacunación; c) libertad y muerte, vacunación obligatoria. Se concluye que, aunque el discurso antivacunas en Brasil es tan antiguo como el primer método de vacunación, es fundamental superar la brecha entre la comunidad científica y la sociedad, para combatir con información científica la desinformación, liderando el fantasma de la el discurso antivacunas al olvido.

Palabras clave: Movimiento anti-vacunación; Covid-19; Revuelta de las Vacunas; Pandemias; Análisis del Discurso.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Samuel Santos da Rosa e Thiago Henrique Bragato Barros.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Samuel Santos da Rosa.

Redação do manuscrito: Samuel Santos da Rosa.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Thiago Henrique Bragato Barros e Rita do Carmo Ferreira Laipelt.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 18 maio 2023 | aceito: 27 jul. 2023 | publicado: 29 set. 2023.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Coronavirus Disease 2019 (covid-19), que o mundo enfrenta desde 2020, trouxe, além das várias vidas já perdidas, uma nova percepção de mundo e formas de agir, repercutindo e alterando a dinâmica social ao gerar grave impacto não somente na saúde (áreas biomédicas, epidemiológicas e sanitárias), mas também nas áreas econômicas, políticas e, principalmente, no que se refere ao fazer e comunicar ciência. A importância da ciência como ativo social tornou-se ainda mais clara no auxílio à formação de uma sociedade bem informada, com mais capacidade crítica e atuante (García; Martínez, 2007; Vega, 2018).

Ao mesmo tempo que há essa clareza acerca da importância da ciência na sociedade, principalmente num momento de crise, com o discurso de defesa do processo científico, da informação e do conhecimento, tem-se também o ecoar de um discurso negacionista ancorado em narrativas que trazem suspeitas em relação a certas instituições ou coletivos, quase sempre acusados de serem poderosos e malévolos, a fim de buscar explicações para eventos de grande impacto social. Tais narrativas são potencializadas pelo elevado volume de informações disponíveis (infodemia), que, por sua vez, impulsiona o fenômeno social das teorias da conspiração e notícias falsas, disseminadas até mesmo por governos e chefes de Estado (Domingues, 2021).

Uma das vertentes desse tipo de narrativa tem relação com os posicionamentos de negação das vacinas, o discurso antivacina. Esse tipo de discurso costuma se fundamentar, no contexto atual, junto ao “[...] argumento de que grandes empresas farmacêuticas e governos estão encobrendo informações sobre vacinas para atingir seus próprios objetivos sinistros” (Jolley; Douglas, 2014, p. 1, tradução nossa).

No passado, o Brasil vivenciou outro momento com grande impacto social na saúde pública que também carregou o discurso antivacina – a Revolta da Vacina de 1904. O motim popular ocorrido no início do século passado teve como estopim a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, e, assim, como no presente, tinha-se no combate à grave epidemia uma guerra entre informações verdadeiras e falsas, negacionismo e uma população desconfiada sobre os imunizantes, ainda que o contexto dos veículos de propagação dos discursos fosse diferente.

No começo do século XX a população acreditava que a vacina era uma forma de controle do governo e que visava erradicar as camadas mais pobres da sociedade brasileira. Já no presente, observam-se diversas alegações sobre as vacinas contra a covid-19, disseminadas principalmente pelo governo brasileiro durante os anos de 2020-2022, indo da afirmação da existência de *microchips* nos imunizantes até a alteração do código genético (De Oliveira Cavalcanti; Azevedo, 2021).

Com uma simples busca em portais de notícias é possível encontrar falas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, assim como de seus ministros e aliados, nas quais há um teor de desconfiança e negação sobre as vacinas. Tais falas propagam entre a população não apenas a dúvida sobre os imunizantes para conter a covid-19, mas também uma nuvem de dúvidas sobre a ciência e o seu processo científico. Com as mídias digitais e as redes sociais, tais desconfianças e conspirações têm ganhado força discursiva (Melo; Broietti; Salvi, 2021). Tem-se, com isso, uma onda de dados e informações confusas e deturpadas, que proporcionam um desserviço ao combate à pandemia tanto no âmbito social quanto no de saúde pública, principalmente em relação à origem, ao tratamento, aos sintomas e ao contágio da doença.

Assiste-se, dessa forma, a uma onda de negacionismo até então adormecida nas periferias discursivas dos debates políticos. Essa onda foi colocada como verdadeira protagonista de forma irresponsável pelo governo bolsonarista, o que impactou negativamente a situação, ao gerar atitudes levianas, em que não se pesquisavam fontes seguras e nem se tomavam decisões com base em argumentos cientificamente comprovados (De Oliveira Cavalcanti; Azevedo, 2021). Observa-se, portanto, um discurso antivacina que

faz reverberar o passado (a Revolta da Vacina), ainda que com uma diferença em relação ao contexto da obrigatoriedade da vacina: enquanto em 1904 o governo buscava vacinar toda a população, o governo de 2020-2022 era contrário à obrigatoriedade. Assim, tem-se um discurso antivacina que aproxima o Brasil de hoje com o do início do século passado.

Diante de tal contexto, este estudo propõe-se a identificar os elementos ideológicos e históricos dos enunciados selecionados, por meio das marcas do discurso e das formações discursivas presentes no discurso antivacina no Brasil, à luz de uma perspectiva do passado, a Revolta da Vacina, e do presente, a pandemia da covid-19, a partir da Análise do Discurso (AD).

Estruturalmente, além dessa breve introdução, o trabalho constitui-se de cinco seções. Na segunda e terceira seções, são apresentados os aspectos históricos e discursivos dos eventos analisados – a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19. Na quarta seção, destaca-se o percurso metodológico, constituído pela AD, e os procedimentos que irão norteá-la para se chegar ao *corpus* subsequentemente analisado. Na quinta seção, estruturam-se o debate e a reflexão acerca do discurso antivacina observado no *corpus* de análise, identificando as marcas do discurso e as formações discursivas e, conseqüentemente, os elementos ideológicos e históricos presentes no discurso antivacina do passado e do presente. Por fim, na última seção, tecem-se as considerações finais.

REVOLTA DA VACINA (O ONTEM)

Antes de partir para a AD antivacina, identificando as marcas do discurso e as formações discursivas dos eventos analisados, é importante percorrer os aspectos históricos e discursivos envolvidos em cada evento.

Inicia-se discorrendo sobre o passado (o ontem), aqui representado pela Revolta da Vacina, revolta que ocorreu no Rio de Janeiro, então capital federal, em novembro de 1904, causada pela insatisfação popular em razão da obrigatoriedade da vacinação no combate à varíola, em campanha comandada pelo sanitarista Oswaldo Cruz.

No fim do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro estabelecia-se como a maior cidade brasileira, com uma população de mais de 800 mil habitantes. Ao mesmo tempo, ali ocorria um crescimento urbano rápido e desordenado, causado pelo grande fluxo de pessoas que passavam pela cidade, em especial devido ao fato de estar ali um dos portos mais importantes do Brasil. Com isso, o Rio de Janeiro torna-se palco de uma série de problemas sanitários: epidemias e surtos regulares de doenças como febre amarela, varíola, cólera, peste bubônica etc. (Silva, 2020).

Como resposta a essa situação, a proposta foi promover reformas estruturais no centro do Rio de Janeiro, além do remanejamento dos pobres, que deveriam ser retirados de suas casas com base no argumento de que os “maus costumes” dessa classe contribuíam para a disseminação das doenças. Com essa premissa, Rodrigues Alves elege-se presidente do Brasil (1902-1906) e, durante seu governo, ciente da importância de mudar esse quadro sanitário, estabelece como prioridade as reformas urbanas e de saneamento no Rio de Janeiro. Para isso, conta com o apoio de Francisco Pereira Passos, engenheiro nomeado para o cargo de prefeito do Rio de Janeiro em 1902. Ambos, então, passam a realizar uma profunda remodelação urbana, a fim de tornar a cidade o reflexo do Brasil republicano moderno (Gagliardi; Castro, [2016]; Silva, 2020).

Dessa maneira, foram realizadas grandes reformas nas zonas centrais da cidade, com a demolição de edifícios e a desocupação de residências habitadas por famílias pobres. Com a forte repressão policial para a realização das mudanças modernizadoras, a classe média também sofreu, desde comerciantes até grupos agentes de manifestações culturais. Concomitantemente, diversas ações sanitárias foram realizadas no território urbano sob a liderança de Oswaldo Cruz, jovem sanitarista e bacteriologista, convidado pelo presidente para a Diretoria-Geral de Saúde Pública (atual Ministério da Saúde), a fim de estabelecer uma

nova política de higiene e saneamento nacional. Um dos seus primeiros objetivos era erradicar as doenças que atingiam o Rio de Janeiro (Gomes, 2017).

Para combater essas doenças, Oswaldo Cruz realizou uma reforma severa na saúde pública, criando, por exemplo, o Serviço de Profilaxia da Febre Amarela e a Inspetoria de Isolamento e Desinfecção, com o objetivo inicial de exterminar os vetores: o mosquito, no caso da febre amarela, e as pulgas, no caso da peste bubônica. Para o combate à febre amarela, foram criadas as brigadas ‘mata-mosquito’ por todo o Rio de Janeiro, as quais buscavam encontrar focos do mosquito, agindo, também, contra a peste bubônica (Cunha, 2015; Gomes, 2017).

Essas equipes eram formadas por sanitaristas e operários da limpeza, e tais ações eram realizadas muitas vezes de forma autoritária, na busca de intensificar a limpeza pública e erradicar mosquitos, ratos e pulgas da cidade. Para isso, os agentes visitavam as residências, removiam doentes, exigiam reformas no estabelecimento e, caso necessário, faziam a interdição do imóvel, ou até demolições, o que, por sua vez, gerava um sentimento de indignação em grande parte da população (Aguiar, 2021; Cunha, 2015). Nas áreas com maior densidade demográfica e pobreza, houve resistência da população, o que impedia o trabalho das equipes da saúde, sendo necessário, nesses locais, o auxílio das forças policiais.

Além dessas duas epidemias, Oswaldo Cruz precisava enfrentar uma terceira, de varíola. Ao contrário do que ocorreu nas duas primeiras epidemias, a forma de combater a varíola foi, junto com o governo, propor a implantação da obrigatoriedade da vacina. Para isso, foi criada uma proposta de lei visando à vacinação em massa da população. Tal proposta foi aprovada no Senado da época, tornando-se lei em 31 de outubro de 1904. No entanto, mesmo após a aprovação, a discussão não foi encerrada, e a nova lei enfrentou forte oposição liderada pelo senador Lauro Sodré, tanto no âmbito popular quanto no militar, e pelos deputados Barbosa Lima e Alfredo Varela na Câmara. Lauro Sodré, figura-chave na incitação ao movimento, afirmava que a lei era arbitrária e deprimente e que era necessário resistir, atacando o governo ao chamá-lo de corrupto e fora da lei (Carvalho, 2019; Gomes, 2017).

Essa oposição se deu por conta de disputas políticas e rixas entre partidos que já vinham se arrastando por anos, o que fez com que a lei da vacinação tenha sido utilizada apenas como pretexto para se rebelarem contra o presidente Rodrigues Alves. Com isso, para incitar a população, eles apelaram ao imaginário popular com um discurso de ameaça, causada pela entrada de pessoas estranhas nos lares para desinfecção e limpeza dos ambientes, bem como por um ataque à honra das famílias, que seriam aviltadas, tendo em vista que esposas e filhas seriam tocadas durante o processo de vacinação. A oposição pintava a vacinação obrigatória como uma interferência no corpo do cidadão e um ataque aos direitos civis (Gagliardi; Castro, 2016; Silva, 2020).

A partir desse momento, várias pequenas revoltas aconteceram, como a Revolta da Vacina, a fundação da Liga Contra a Vacina Obrigatória – criada pelo senador Lauro Sodré – e a tentativa de um golpe militar (Carvalho, 2019). Dessa forma, as manifestações e os embates com a polícia começaram em meio a reuniões entre pessoas contrárias à lei, principalmente estudantes. Durante dias, mais de duas mil pessoas protestaram e combateram as forças do governo, lojas foram fechadas e o transporte público da cidade virou um caos.

Além da oposição política e das manifestações que inflamavam ainda mais a população contra o governo, havia também a mídia, representada na época pelos jornais, os quais incitavam a desaprovação em relação à nova lei, retratando-a como despótica. Em sua maioria, tais jornais eram pertencentes a indivíduos de oposição ao governo, o que reflete novamente o uso da lei de vacinação como pretexto para incitar manifestações contra as políticas de saúde pública adotadas e, conseqüentemente, atingir o governo.

Como exemplo, o jornal O Comércio do Brasil, de propriedade do deputado federal Alfredo Varela, publicava uma coluna diária intitulada Direito à resistência, onde se destacava e exaltava a ideia de que a

lei era inconstitucional, ilegal e uma afronta aos princípios da liberdade e da propriedade privada, além de contestar a exigência de atestado de vacina em várias situações, como para a busca de emprego, a matrícula em escolas, a realização de casamentos etc. Vários outros jornais repudiavam a vacinação contra a varíola e os seus resultados. Utilizando principalmente charges com comentários irônicos e sarcásticos, esses veículos incitavam a população a temer e a duvidar do processo vacinal, além de zombar de Oswaldo Cruz (Gagliardi; Castro, 2016).

Com a escalada dos confrontos, mais precisamente no dia 16 de novembro, foi decretado estado de sítio no Rio de Janeiro (determinação que suspende temporariamente os direitos dos cidadãos). Isso fez com que o governo conseguisse controlar a situação, levando o movimento de populares e operários a perder força. No mesmo dia, o presidente Rodrigues Alves revogou a lei de obrigatoriedade da vacina, mas manteve Oswaldo Cruz, principal alvo das manifestações, como diretor-geral de saúde pública (Há mais..., 2021).

Como resultado, foram registrados 945 prisões, 30 mortos, 110 feridos e a deportação de 461 pessoas condenadas a trabalhos forçados no Acre, além de danos ao patrimônio público da cidade. Mesmo com a revolta, impulsionada pelo discurso antivacina, e com a revogação da lei de obrigatoriedade da vacinação, o Rio de Janeiro conseguiu erradicar a varíola. Com o passar dos anos e o surgimento de novas mortes pela varíola no ano de 1908, a população começou a ter maior conscientização da importância da vacinação e passou a procurar voluntariamente os postos de saúde para se vacinar, tomando como exemplo o baixo número de casos dos anos anteriores (Aguar, 2021; Há mais..., 2021).

Alguns historiadores sugerem que a violência e o autoritarismo com os quais as reformas foram conduzidas no Rio de Janeiro, principalmente as sanitárias, foram a principal motivação para a Revolta da Vacina. Já outros acreditam que a principal motivação foi a campanha de vacinação, mais especificamente a forma como ela foi conduzida pelo governo (Silva, 2020). Independentemente de qual tenha sido de fato o estopim da revolta, a partir dos registros históricos fica claro que, mesmo com uma certa arbitrariedade no combate às doenças que afligiam o Rio de Janeiro na época, quem lutava pela vacinação era o governo, tendo a oposição e boa parte da mídia um papel contrário embasado em um discurso antivacina com viés político, uma postura de desinformação que incitava negativamente a população.

Ao se equiparar tal episódio à pandemia da covid-19, observa-se o principal contraponto: no passado, o governo lutava pela vacinação e pela ciência; já no período de 2020 a 2022, o governo brasileiro questionava ambos, influenciando a população com um discurso antivacina.

PANDEMIA DA COVID-19 (O HOJE)

Seguindo a breve descrição sobre os aspectos históricos e discursivos envolvidos em cada evento da análise, parte-se agora para o presente (o hoje), representado pela pandemia da covid-19.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu alertas sobre vários casos de uma doença respiratória grave causada por um novo tipo de coronavírus. Posteriormente, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou o novo vírus uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o mais alto nível de alerta da organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional, dando início à pandemia da covid-19 (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). A covid-19 é uma doença infecciosa causada por um novo tipo de coronavírus (da família *Coronaviridae*), identificado como SARS-CoV-2 ou novo coronavírus. Posteriormente, a doença passou a ser chamada de covid-19 pela OMS, tendo como principal complicação a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) (Zeng *et al.*, 2020).

Com a pandemia, uma nova percepção de mundo e novas formas de agir tornaram-se essenciais para o enfrentamento desse contexto, o que repercutiu e alterou a dinâmica social no Brasil e no mundo, atingindo as áreas econômica, política e da saúde. Em decorrência dessa mudança no cotidiano, inúmeras pesquisas

têm sido desenvolvidas na tentativa de conter o avanço e os impactos do vírus, principalmente com o desenvolvimento de imunizantes (De Oliveira Cavalcanti; Azevedo, 2021).

Concomitantemente a essa mudança e à busca de soluções para conter a covid-19, um outro problema se fez presente: a sobrecarga de informações disponíveis (Larivière; Shu; Sugimoto, 2020). Essa sobrecarga soma-se ao alto volume de informações no qual a sociedade já estava mergulhada antes da pandemia, impulsionado pelos meios digitais e pelas redes sociais. Segundo Fiorillo e Gorwood (2020), tal cenário pode ser traduzido como “infodemia”: um aumento significativo no volume de informações, sejam elas verdadeiras ou falsas. Isso nos permite dizer que se instituem duas crises: uma do vírus e outra da desinformação.

Esse contexto pandêmico e infodêmico tem se potencializado pelo fato de que as notícias e pesquisas de todo o mundo são constantemente atualizadas, revisadas e compartilhadas (Larivière; Shu; Sugimoto, 2020). As teorias da conspiração e as notícias falsas disseminadas pelo governo bolsonarista, sobretudo pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, já se encontravam presentes no dia a dia da sociedade brasileira, tendo sido impulsionadas a partir das eleições presidenciais de 2018, e tornadas ainda mais evidentes no cotidiano do país, principalmente as notícias e informações compartilhadas por redes sociais. Isso ocorreu, em especial, nas pesquisas destinadas ao desenvolvimento de vacinas, no isolamento social e no tratamento da doença, trazendo ao debate o discurso antivacina, o qual já havia sido vivenciado pelo Brasil com a Revolta da Vacina.

Assim como na Revolta da Vacina, observa-se um discurso antivacina impulsionado por interesses políticos, com a diferença de que o governo bolsonarista foi o responsável por fomentar tal discurso, desdenhando da potencialidade de contágio e, com isso, dos impactos do vírus à vida dos brasileiros, ao sistema público de saúde e à economia. Para deixar ainda mais clara a relação entre as duas épocas, podem-se citar alguns fatos percebidos na pandemia da covid-19 que se conectam explicitamente, por meio de semelhanças e diferenças, à Revolta da Vacina. Na Revolta da Vacina, houve uma mídia defensora e impulsionadora do discurso antivacina; em contrapartida, durante a pandemia, a maior parte da mídia colocou-se contra tal discurso, ao fomentar a ciência e o processo de vacinação. Nesse aspecto, a semelhança reside no fato de que, em ambas as épocas, a mídia esteve contra o governo. No primeiro momento, os veículos mantiveram-se contra a obrigatoriedade estabelecida pelo ex-presidente Rodrigues Alves; no segundo momento, contra o discurso antivacina propagado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Vale destacar também que, na pandemia, as redes sociais deram novo fôlego ao discurso antivacina, ao gerar desconfiança em relação às notícias propagadas pela grande mídia.

Outro fato em que se podem observar diferenças entre as épocas refere-se à questão da obrigatoriedade: na Revolta da Vacina, houve um processo de imunização imposto e forçado pelo governo com apoio de cientistas, acima da busca pela conscientização da população; na pandemia, por sua vez, não houve obrigatoriedade, mas se assistiu a uma busca pela conscientização acerca da importância da vacinação para a população, incentivada e destacada, principalmente, pela mídia, por cientistas e por diversos governos municipais e estaduais do Brasil. No entanto, ao mesmo tempo, o governo Bolsonaro e os seus aliados políticos utilizaram-se desse passado de obrigatoriedade para gerar *fake news* junto à população com alusão à perda de liberdade do indivíduo, gerando pânico e desconfiança.

Tem-se, portanto, uma reedição do discurso anticientífico e antivacina. Além disso, mesmo com a tensão global e com as preocupações em relação a segurança, saúde e economia para a normalização do convívio social, foram inúmeros os argumentos utilizados contra a vacinação da covid-19. Segundo Camargo Jr. (2020), pode-se reunir os argumentos antivacina em sete grupos:

- a) Crença de que existem ingredientes/substâncias perigosos nos imunizantes, que representariam risco à saúde.
- b) Crença de lesão vacinal por danos mais prevalentes do que o afirmado.
- c) Afirmações e argumentos de autoridades baseados em material duvidoso produzido por *experts* questionáveis, como acadêmicos antivacina, com pesquisas de baixa qualidade.
- d) Crença de que as doenças teriam diminuído por outras razões e não pelas vacinas e/ou simplesmente que não teriam diminuído, mas sido rebatizadas para negar a sua erradicação.
- e) Crença de haver muitas vacinas a serem aplicadas em um curto período de tempo.
- f) Crença de que a imunidade natural é preferível, sem o conhecimento de como ela realmente funciona.
- g) Crença de que os pais teriam maior conhecimento devido a sua intuição para o cuidado com as crianças.

Tais argumentos têm como principais impulsionadores o governo do ex-presidente Bolsonaro e parte de seus apoiadores, que lançaram dúvidas sobre os imunizantes, influenciando as narrativas pessoais carregadas de emoção e relacionando-as a questões filosóficas, religiosas, xenofóbicas etc. Esses argumentos contavam também com orientação médica de médicos bolsonaristas sem embasamento científico, que alimentavam na população o medo de reações adversas à vacina, como também de supostos efeitos colaterais perigosos.

Nesse cenário, destaca-se um discurso de conspiração, que potencializa em demasia o discurso antivacina, fomentado pelo ‘fantasma do comunismo’ e pela xenofobia em relação à China, país epicentro do surto da covid-19 e posteriormente o primeiro a disponibilizar vacina contra a doença. Bolsonaro publicamente deslegitimou a vacina chinesa ao destacar que não a compraria, devido a suspeitas de que o país tivesse sido o responsável pela pandemia e por não transmitir segurança para aplicação na população brasileira (Quinan; Araujo; Albuquerque, 2021). Gera-se, portanto, um impulsionamento significativo do discurso antivacina, sustentado por falas anticomunistas, antiglobalismo e negacionistas à pandemia.

Tornava-se, dessa forma, difícil contra-argumentar a um nível puramente racional, sobretudo quando o líder da nação propagava uma imagem negativa da ciência e do processo científico (Camargo Jr, 2020; Levi, 2013), visto que, para o enfrentamento de crises como a pandemia, é necessário que haja uma liderança capaz de governar em prol da segurança, da saúde, da estabilidade financeira e alimentícia de todos. Nesse sentido, é fundamental que haja um bom exemplo ao povo, para que as atitudes dessa liderança sejam, de fato, uma influência positiva e, assim, auxiliem no bem-estar coletivo (Silva; Silva; Giesel, 2022).

É importante destacar que sempre existiu um discurso contra a ciência e os imunizantes, mas este se mantinha na periferia dos debates públicos e sociais. Com o governo bolsonarista, esse discurso voltou à mesa das discussões, com um posicionamento negacionista, contrário a qualquer medida de isolamento e imunização para prevenção e combate à doença (Silva; Silva; Giesel, 2022). Carregado de desinformação, incentivando a promoção de aglomerações, o não uso de máscaras e o ataque às vacinas, esse discurso criou em uma parte minoritária da população uma forte resistência à vacinação. Isso causou o abrandamento dos cuidados necessários e, conseqüentemente, dificultou o controle e o combate à pandemia da covid-19 nesse período ímpar do século XXI, o que demonstra um enorme descaso do governo pela preservação da saúde do povo brasileiro e pela vida da população (De Oliveira Cavalcanti; Azevedo, 2021; Silva; Silva; Giesel, 2022).

Vê-se, com essa breve descrição dos eventos, que a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19 conectam-se em vários pontos, entre eles o uso político da vacinação, por meio da apropriação da insatisfação popular com as medidas sanitárias. Em 1904, setores políticos de oposição viram uma oportunidade de articular um golpe de Estado, inflando a população contra o governo. Já na pandemia da covid-19, políticos ligados ao

governo aproveitaram-se de certa insatisfação social para atingir seus interesses. A principal diferença, como já destacado, está na condução política das crises sanitárias. O ex-presidente Rodrigues Alves manteve a postura de um estadista, focado em combater os problemas sanitários, ao envolver sanitaristas e cientistas; o ex-presidente Jair Bolsonaro, por outro lado, permaneceu com uma visão sectária e negacionista da ciência, prejudicando o combate à pandemia.

Diante desses aspectos históricos e discursivos de ambos os eventos, parte-se para a análise, em que se visa construir um *corpus* composto por notícias, textos e falas de ambos os momentos, realizando posteriormente a AD antivacina e identificando, por fim, os elementos ideológicos e históricos envolvidos em cada época, bem como os seus significados.

METODOLOGIA

O percurso metodológico da presente pesquisa caracteriza-se por uma pesquisa documental, que tem como objetos de pesquisa textos de charges publicados na época da Revolta da Vacina e falas do governo bolsonarista e dos aliados durante a pandemia da covid-19 no período entre 2020 a 2022. Além disso, vale-se de uma abordagem qualitativa, por aplicar a AD para identificar relações implícitas no discurso antivacina, ainda que não declaradas de maneira evidente, entre o passado e o presente no Brasil.

A AD coloca-se como uma teoria e metodologia que visa, a partir da estrutura textual, compreender as construções sociais, históricas e ideológicas presentes no conteúdo dos textos. Conforme Orlandi (2020), a AD coloca-se como uma metodologia que compreende “[...] a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (p. 13). Trata-se, portanto, de uma forma de analisar e identificar enunciados, posições ideológicas e formações discursivas no interior das produções textuais, compreendendo a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento.

Para esta análise discursiva, utiliza-se a proposta de percurso desenvolvida por Barros (2017), com base em Pêcheux e Fuchs (1975) e Orlandi (2020), em relação aos enunciados elencados. Tal proposta é construída por alguns processos que podem ser sintetizados da seguinte forma:

- a) Enunciação/superfície linguística: momento de escolha do *corpus* de estudo; formulação da questão que dará início à análise; mobilização dos conceitos pertinentes à questão formulada. Trata-se do discurso concreto, ou seja, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 (inconsciente) e 2 (consciente).
- b) Esquecimento 2 (consciente)/paráfrase/objeto discursivo: momento em que se transforma a superfície linguística de um discurso concreto em um objeto teórico. Observam-se o modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos do texto (gestos de interpretação que produzem efeitos). O objetivo é anular a ilusão nº 2.
- c) Esquecimento 1 (inconsciente)/discurso/processo discursivo: momento em que se verifica o processo de materialidade linguística. Para isso, realiza-se a comparação dos sentidos do discurso em análise com o que é dito em outros discursos, com o que não é dito e com o que poderia ser dito e não foi; verificam-se relações antagônicas; relaciona-se o discurso com a ideologia (processo de compreender como se constituem os sentidos do dizer, o que a mobilização de certas palavras pode mostrar, além das aparências); verificam-se as palavras que refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis; relaciona-se o discurso com outros discursos; verificam-se paráfrases (mobilizar outras palavras, produzindo outros efeitos de sentido), metáforas, sinônimas; e, por fim, observam-se os gestos de interpretação, ou seja, o modo de constituição dos sujeitos e da produção dos sentidos (filiações de sentidos que remetem a memórias e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade).

Em relação ao *corpus* de análise, ele é constituído por seis enunciados, sendo três referentes à Revolta da Vacina e três, à pandemia da covid-19. Para seleção desses enunciados, utilizou-se como base a presença de argumentos que colocam em dúvida o processo de vacinação, conforme destaca o Quadro 1.

Quadro 1 – Corpus de análise

Revolta da Vacina (1904)	Pandemia da covid-19 (2020-2022)
<p>▪ Enunciado 1 (E1): “– Não vou n’isso. Vaccina nem de meu pae quanto mais de rato podre!” (Revista Tagarela (1904), 2021, p. 35).</p>	<p>▪ Enunciado 2 (E2): “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós [a Pfizer] não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um chi... jacaré, é problema seu [...]. Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles [Pfizer] não têm nada a ver com isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas.” (Bolsonaro, J., 2020).</p>
<p>▪ Enunciado 3 (E3): “– Palavra de honra seu aquele! No primeiro que puser a mão no braço de minha mulher eu ponho-lhe o pé na cara!” (Revista Tagarela (1904), 2006, p. 16).</p>	<p>▪ Enunciado 4 (E4): “Você vai vacinar o teu filho contra algo que o jovem por si só, uma vez pegando o vírus, a possibilidade de ele morrer é quase zero? O que que está por trás disso? Qual o interesse da Anvisa por trás disso aí? Qual o interesse das pessoas taradas por vacina?” (Jornal Hoje, 2022).</p>
<p>▪ Enunciado 5 (E5): “Pelo aspecto com que se apresenta este novo flagelo (a vacina obrigatória), dentro de poucos dias, já ninguém morrerá de varíola!...”. (Jornal do Brasil (1904), 2021, p. 42).</p>	<p>▪ Enunciado 6 (E6): “Lembrou-me a Revolta da Vacina (contra varíola) em 1904 no Rio de Janeiro do prefeito Pereira Passos. Toma a vacina quem quiser. Isso é liberdade. Não é o papai Estado que vai te impor decisões sobre sua vida (ao menos o Estado federal)”. (Bolsonaro, E., 2020).</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante do *corpus* de análise, busca-se identificar, no discurso antivacina dos eventos analisados, o funcionamento do discurso na constituição de sujeitos e sentidos, de como formulam (e são formulados) e como circulam (Orlandi, 2007). Tais enunciados destacam, portanto, as cargas de significado nas formações discursivas (como os sentidos se organizam) e as formações ideológicas (de onde os sentidos vêm).

O DISCURSO ANTIVACINA (ONTEM × HOJE)

discorrer sobre os eventos e a metodologia, com a seleção dos enunciados de cada período, realizou-se a análise, por meio da metodologia proposta por Barros (2017). Reuniram-se, dessa forma, pares de enunciados, sendo um de cada evento/época (passado/ontem e presente/hoje), representativos de uma faceta identificada do discurso antivacina. Posteriormente, analisou-se discursivamente como os sentidos se organizam e de onde vêm, conforme verificado nos Quadros 2, 3 e 4.

Quadro 2 – Medo do desconhecido e desconfiança sobre a eficácia dos imunizantes

Enunciações/superfície linguística
<p>E1: “– Não vou n’isso. Vaccina nem de meu pae quanto mais de rato podre!” (Revista Tagarela (1904), 2021, p. 35).</p> <p>E2: “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós [a Pfizer] não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um chi... jacaré, é problema seu [...]. Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles [Pfizer] não têm nada a ver com isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas.” (Bolsonaro, J., 2020).</p>
Esquecimento nº 2/paráfrases
<p>“nem de meu pae quanto mais de rato podre” “virar um chi... jacaré, é problema seu” “Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino”</p>
Esquecimento nº 1/discurso
<p>Uma das principais vias utilizadas, tanto no passado como no presente, é a que se ancora em um discurso antivacina, baseado nas substâncias que constituem os imunizantes, com o objetivo de criar um sentimento de medo do desconhecido e pavor na população. No passado, vê-se a utilização de “rato podre” como elemento constituinte da vacina, fazendo uma direta ligação com um dos principais transmissores de doença na época (1904), o que, por sua vez, eleva ainda mais o temor da população em receber a vacina. Além disso, pode-se inferir que tal aspecto faz conexão com as iniciativas de saneamento impostas pelo governo de Rodrigues Alves, que buscava eliminar os ratos, o que pode gerar na população o pensamento de que eles estão buscando tais ratos para a elaboração da vacina. No presente (2020-2022), por sua vez, é perceptível sua ligação com a história, reafirmando-a de forma clara com uso de palavras com efeitos de sentido: “virar um chi...”, “virar jacaré”, “virar Super-Homem”, “nascer barba em alguma mulher” e “algum homem começar a falar fino”. Tais palavras, no contexto da fala do ex-presidente, geram descredibilidade e desconfiança sobre a criação da vacina para covid-19, como em relação à vacina contra a varíola. Indo mais fundo, as colocações sobre mulher com barba, homem falando fino e virar um “chi...” (clara referência ao povo chinês) são utilizadas no sentido de discriminação e xenofobia, de forma que uma das consequências viria de mutações genéticas que teriam como efeito a perda da masculinidade ou da feminilidade, além de gerar um sentimento xenofóbico contra os chineses, nutrindo com isso sua hipótese ideológica conservadora. Vê-se, dessa forma, o uso de elementos com atribuições negativas que se utilizam de uma hipótese ideológica para nutrir o medo do desconhecido. Pode-se observar a intertextualidade, em que o presente reafirma a história e traz aos debates políticos um discurso antivacina carregado de medo, desconfiança e descredibilidade em relação ao desenvolvimento das vacinas, visando retirar a credibilidade da efetividade dos imunizantes. Isso cria uma ruptura entre o plano de imunizações e o público-alvo e, conseqüentemente, politiza o discurso antivacina. Por fim, compreende-se uma formação discursiva constituída histórica e socialmente pela desconfiança quanto à eficácia das vacinas, assim como carregada ideologicamente no pensamento conservador e pró-vida.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 3 – Honra em jogo e interesse institucional sobre a vacinação

(continua)

Enunciações/superfície linguística
<p>E3: “– Palavra de honra seu aquele! No primeiro que puser a mão no braço de minha mulher eu ponho-lhe o pé na cara!” (Revista Tagarela (1904), 2006, p. 16).</p> <p>E4: “Você vai vacinar o teu filho contra algo que o jovem por si só, uma vez pegando o vírus, a possibilidade de ele morrer é quase zero? O que que está por trás disso? Qual o interesse da Anvisa por trás disso aí? Qual o interesse das pessoas taradas por vacina?” (Jornal Hoje, 2022).</p>
Esquecimento nº 2/paráfrases
<p>“puser a mão no braço de minha mulher eu ponho-lhe o pé na cara” “a possibilidade de ele morrer é quase zero?” “interesse da Anvisa por trás disso” “interesse das pessoas taradas por vacina”</p>

(conclusão)

Esquecimento nº 1/discurso
<p>Somando-se ao sentido de medo e à desconfiança para com os imunizantes, observa-se outra faceta do discurso antivacina: a honra e a desconfiança das instituições públicas de saúde. Como já destacado, no passado o discurso antivacina teve viés político, e uma das formas de manipulação era propagar uma fala de ameaça contra a população, explorando a ideia da invasão do lar e de ofensa à honra do chefe de família, uma ideologia moralista, tendo em vista a visita das equipes de saúde nos lares que obrigavam as filhas e esposas a se desnudarem diante de estranhos para tomar a vacina. Isso nos revela um componente moral, utilizado pela oposição política, para a época, diante de uma ideologia extremamente conservadora. No mesmo sentido, na pandemia da covid-19, esse tom moralista permanece, com menor força, mas ainda presente na sociedade, principalmente nas falas do ex-presidente e de seus aliados. É possível extrair do trecho “a possibilidade de ele morrer é quase zero?” a intencionalidade de direcionar a responsabilidade da vacinação das crianças aos pais, e unicamente a eles, insinuando, sem provas, que os efeitos em crianças seriam menores e praticamente inexistentes, além do sentido de que apenas os pais sabem o que é melhor para seus filhos, ao desconsiderar a coletividade como premissa de convívio em uma sociedade. Tais crianças não vacinadas, mesmo sem sintomas, podem ser portadoras do vírus e propagá-lo em escolas, por exemplo. Tem-se, nesse caso, mais um viés moralista de uma ideologia conservadora segundo a qual o Estado, ao ultrapassar os poderes dos pais, tem segundas intenções para com as crianças, ponto este que se pode <i>linkar</i> com uma outra fala do ex-presidente, na qual afirma que não irá vacinar sua filha de 11 anos, mostrando que, mesmo sendo presidente, não permitirá que o próprio Estado, governado por si mesmo, ultrapasse os limites de sua honra como pai, sendo dever “sagrado” dos pais decidir o que é melhor para seus filhos, ainda que diante de uma questão de impacto coletivo. Novamente, pode-se verificar o discurso do passado reverberando no presente, com um forte posicionamento ideológico, preso a uma estratégia de convencimento de que há segundas intenções (ou melhor, “interesses ocultos”) nas instituições públicas de saúde, porém com a diferença de que na pandemia o próprio governo bolsonarista alimentou o discurso da desconfiança para com as instituições públicas, no sentido de fomentar a dúvida sobre qual seria o interesse dessas instituições pelas famílias e crianças – se seria apenas a vacinação ou se haveria algo a mais. Assim, tanto no passado como no presente identifica-se a presença de um jogo de influência junto à população, influência esta regada por um posicionamento ideológico conservador revestido de falso moralismo.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 4 – Liberdade e morte, a obrigatoriedade da vacina

(continua)

Enunciações/superfície linguística
<p>E5: “Pelo aspecto com que se apresenta este novo flagelo (a vacina obrigatória), dentro de poucos dias, já ninguém morrerá de varíola!...” (Jornal do Brasil (1904), 2021, p. 42).</p> <p>E6: “Lembrou-me a revolta da vacina (contra varíola) em 1904 no Rio de Janeiro do prefeito Pereira Passos. Toma a vacina quem quiser. Isso é liberdade. Não é o papai Estado que vai te impor decisões sobre sua vida (ao menos o Estado federal).” (Bolsonaro, E., 2020).</p>
Esquecimento nº 2/paráfrases
<p>“este novo flagelo (a vacina obrigatória)” “já ninguém morrerá de varíola” “Toma a vacina quem quiser” “Não é o papai Estado que vai te impor”</p>

Esquecimento nº 1/discurso

No último conjunto de enunciados, identifica-se uma faceta do discurso antivacina que se ancora na ideologia da liberdade e da vacina como portadora da morte. No passado (Revolta da Vacina), houve a colocação da vacina como portadora da morte, o que contrasta com a ideia de que a liberdade salvará a população desse flagelo. Há uma ideologia conservadora e pró-vida, fomentada por um discurso antivacina que coloca a vacina, a principal via para erradicar a doença da época, como maior causadora da morte da população. Isso revela uma contradição, pois, se o discurso tem viés de defesa da liberdade e da vida da população, não faz sentido ser contra o único método efetivo e comprovado cientificamente para erradicar a doença, o que permite dizer que o verdadeiro arauto da morte é o discurso antivacina. Ao mesmo tempo, tem-se no presente (na pandemia da covid-19) a fala em rede social de um aliado do governo, mais precisamente do filho do ex-presidente, que exalta a Revolta da Vacina, sobrepondo o passado e o presente ao defender que não será o Estado que obrigará a população a se vacinar. Observa-se o eco de falas de políticos do século passado de que a decisão de ser vacinado ou não deve ser totalmente individual, que obrigar o indivíduo a se vacinar é uma violação dos seus direitos. Manifesta-se, com isso, novamente, uma ideologia conservadora-moralista de que a liberdade individual está acima do bem-estar coletivo, mesmo que a perda individual seja mínima e o ganho de bem-estar seja imenso; e de que o governo, tanto no passado como no presente, deveria se sujeitar ao capricho daqueles que se recusam a tomar a vacina, buscando não irromper sobre seu exercício de liberdade, mesmo diante dos graves danos que isso provocaria não só neles, mas também em toda a população. É nesse sentido que se torna claro quem é o verdadeiro flagelo: a falsa liberdade individual fomentada por um ceticismo anti-ciência e antivacina, com consequências nefastas para a saúde pública, como a morte de várias pessoas. Tal ponto pode ser conectado ao fato de que, após a revogação da lei de obrigatoriedade da vacinação em 1904, houve uma queda no número de mortes pela varíola, dadas as medidas sanitárias e de saúde adotadas pelo governo e não reconhecidas por boa parte da população. Contudo, com o passar dos anos, novos casos e vítimas por varíola surgiram, fazendo com que a população começasse a ter maior conscientização da importância da vacinação e procurasse voluntariamente os postos de saúde para vacinação. Seria precipitado afirmar, mas talvez a história esteja se repetindo com a pandemia da covid-19, e as pessoas que antes escutavam apenas a voz do discurso antivacina passem a ter uma maior conscientização sobre a importância da vacinação não só para si, mas para toda a coletividade. Compreende-se, portanto, uma formação discursiva e ideológica contrária à obrigatoriedade da vacinação e da ciência, com base no direito à liberdade individual ao custo do bem-estar coletivo e do pressuposto de que cada um deve decidir sobre se vacinar ou não, colocando a vacina obrigatória como o 'monstro' que deve ser combatido devido à crença de que a imposição do governo levará todos à morte, sendo que o verdadeiro monstro a ser combatido é o discurso antivacina.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com as análises, identificam-se três facetas (formações discursivas) do discurso antivacina:

- a) Medo do desconhecido e desconfiança sobre a eficácia dos imunizantes.
- b) Honra em jogo e interesse institucional sobre a vacinação.
- c) Liberdade e morte, a obrigatoriedade da vacina.

Essas facetas somam-se pela intersecção dos elementos ideológicos tanto do movimento anterior quanto do atual, construindo um discurso antivacina que ressoa do passado para o presente (Figura 1).

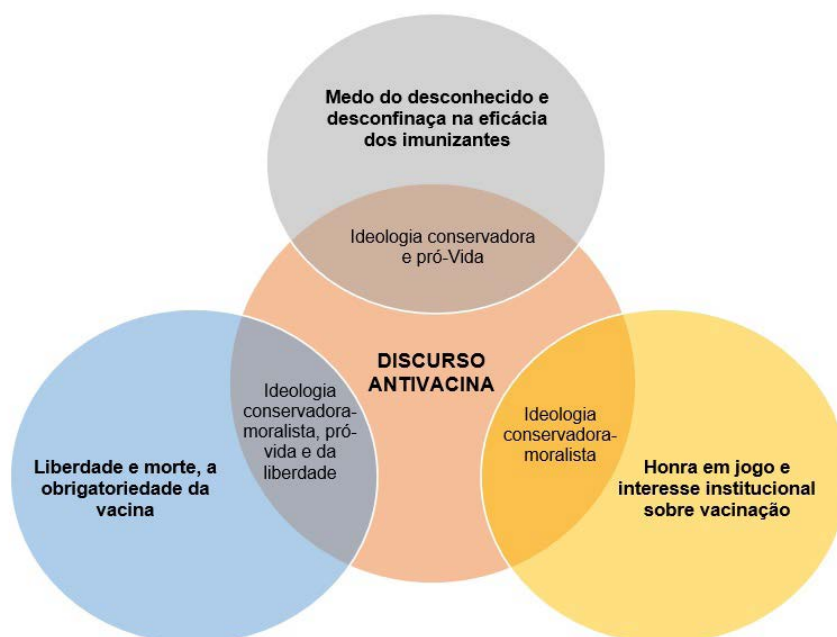


Figura 1 – Interseção das formações discursivas (passado e presente) no discurso antivacina
Fonte: Elaborada pelos autores.

Com as análises discursivas realizadas, é perceptível como o discurso antivacina do passado, com a Revolta da Vacina de 1904, reverbera na pandemia da covid-19 (2020-2022), por meio das três facetas observadas. Isso revela como os sentidos do discurso negacionista em relação às vacinas organizam-se (formação discursiva) e de onde vêm (formação ideológica): um discurso antivacina que segue ecoando no presente, principalmente pelas redes sociais, e que amplia seu alcance junto à população. Tem-se, portanto, um discurso antivacina que sobrepõe o Brasil do presente ao do início do século passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das inúmeras mortes que causou, a pandemia da covid-19 trouxe para o debate político e público um fantasma do passado que se mantinha na periferia do discurso: o discurso antivacina, que ganhou espaço e retornou como protagonista em uma onda de negacionismo fomentada e disseminada pelo próprio governo, principalmente pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Diante da análise realizada, identificaram-se três pontos fundamentais que mostram como o discurso antivacina organiza-se e de onde vem (formação discursiva e ideológica). Vale destacar que, embora a AD seja aprofundada, tem-se um contingente de textos pequeno (*corpus*), o que limita os resultados, mas não os invalida, ao trazer resultados relevantes para o entendimento do discurso antivacina.

O primeiro ponto traz uma faceta do discurso antivacina baseado na criação de um sentimento de medo e pavor na população a respeito das substâncias que constituem os imunizantes. Para isso, verifica-se o uso de elementos com atribuições negativas que fazem uso de uma ideologia conservadora e pró-vida para nutrir o medo do desconhecido. Juntamente a isso, é perceptível a intertextualidade entre eventos e épocas analisados, em que o presente reafirma a história ao trazer um discurso antivacina carregado de medo, desconfiança e descredibilidade, gerando uma ruptura entre o processo de vacinação e a população.

No segundo ponto, tem-se outra faceta do discurso antivacina, representada pela honra e pela desconfiança das instituições públicas de saúde. Tal faceta carrega consigo uma carga ideológica conservadora revestida de falso moralismo, o qual é caracterizado por meios de manipulação, seja no passado ou no presente. Ao explorar a ideia da ofensa à honra do chefe de família, essa face traz a percepção de que o Estado,

ao ultrapassar os poderes dos pais e chefes de família, tem segundas intenções para com as crianças e mulheres. Identifica-se, dessa forma, um jogo de influência junto à população.

Por fim, no terceiro ponto, identificou-se uma faceta do discurso antivacina que se ancora na ideologia da liberdade e da vacina como portadora da morte. Neste ponto, observa-se uma carga ideológica conservadora, pró-vida e moralista, caracterizada por um discurso segundo o qual a vacina é a principal causadora da morte da população e a liberdade individual está acima do bem-estar coletivo, mesmo que a perda individual seja mínima e o ganho de bem-estar seja imenso. Com isso, fica clara a contradição, pois, se o discurso tem viés de defesa da liberdade e da vida da população, não há lógica e sentido em se posicionar contra o único método efetivo e comprovado cientificamente para erradicar a doença.

Com a identificação dos elementos históricos e ideológicos nos enunciados analisados em cada evento, foi possível observar como os sentidos organizam-se e de onde vêm, trazendo principalmente uma linha de sobreposição entre as duas épocas no discurso antivacina. Nessa comparação discursiva entre o passado e o presente, verifica-se também um ponto fundamental diametralmente oposto entre as duas épocas, crises e governos: quem está do lado da ciência e quem está esforçando-se para desacreditá-la.

O discurso do passado (1904) foi alimentado por uma oposição política ao governo, ou seja, quem estava de fora do governo tentava reverberar determinadas notícias falsas, incitando a população a se revoltar contra as medidas de saúde propostas pelo governo da época, principalmente com relação à obrigatoriedade vacinal. Já no presente (2020-2022), o governo fomentava o discurso antivacina, disseminando notícias falsas e gerando desconfiança da população para com as instituições públicas de saúde. Ademais, instaurou-se uma contradição absurda, visto que o próprio presidente desacreditava as instituições, comprometendo a existência de atitudes ponderadas, como a realização de pesquisas em fontes seguras e as tomadas de decisão com base em argumentos cientificamente comprovados. Dessa forma, ele se colocava em uma posição contrária a tudo o que a ciência vinha mostrando, simplesmente para defender seus interesses políticos.

Portanto, mesmo que o discurso antivacina no Brasil seja tão antigo quanto o primeiro método de vacinação, e ecoe nos debates políticos desacreditando a ciência e o processo científico, é fundamental superar o fosso entre a comunidade científica e a sociedade, no que diz respeito não somente ao desenvolvimento de imunizantes, mas a toda informação científica consistente. Nesse sentido, a informação deve estar não apenas disponível, como também acessível a todos por meio do esclarecimento objetivo sobre benefícios e comprometimentos da ciência, percorrendo redes sociais e debates públicos, a fim de combater a desinformação e levar novamente o fantasma do discurso antivacina de volta ao esquecimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eduardo (org.). **A Revolta da Vacina e o negacionismo dos positivistas**: como a política e os jornais boicotaram Oswaldo Cruz. Curitiba: Zelig Digital, 2021.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. Discurso, documento e arquivística: trajetória de uma área. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Belém, v. 12, n. 2, p. 97-110, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1981-0695.2017v12n2.35555>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332576474_Discurso_documento_e_arquivistica_trajetoria_de_uma_area. Acesso em: 25 out. 2022.

BOLSONARO, Eduardo. **Lembrou-me a Revolta da Vacina (contra varíola) em 1904 no Rio de Janeiro do prefeito Pereira Passos**. Toma a vacina quem quiser. Isso é liberdade. Não é o papai Estado que vai te impor decisões sobre sua vida (ao menos o Estado federal). São Paulo, 2 set. 2020. Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <https://twitter.com/bolsonarosp/status/1301105296723632128>. Acesso em: 15 out. 2022.

BOLSONARO, Jair Messias. **Bolsonaro**: “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”. [S. l., s. n.], 17 dez. 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal UOL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 15 out. 2022.

CAMARGO JR, Kenneth Rochel de. Lá vamos nós outra vez: a reemergência do ativismo antivacina na internet. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 14, supl. 2, p. 1-8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00037620>. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static/arquivo/1678-4464-csp-36-s2-e00037620-pt.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CUNHA, Fabio Samu da. Capoeiras e a Revolta da Vacina. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 14, n. 166, p. 29-38, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26869>. Acesso em: 15 out. 2022.

DE OLIVEIRA CAVALCANTI, Erika Caroline; AZEVEDO, Nadia Pereira da S. Gonçalves de. A vacinação à covid-19 em combate: uma análise do discurso francesa. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 40, n. 1, p. 274-287, 2021. Disponível em: <https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/1387>. Acesso em: 30 out. 2022.

DOMINGUES, Larissa Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e após a pandemia de covid-19. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 12-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i4.2237>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2237>. Acesso em: 20 out. 2022.

FIORILLO, Andrea; GORWOOD, Philip. The consequences of the covid- 19 pandemic on mental health and implications for clinical practice. **European Psychiatry**, Cambridge, v. 63, n. 1, p. 1-2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1192/j.eurpsy.2020.35>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7156565/pdf/S0924933820000358a.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

GAGLIARDI, Juliana; CASTRO, Celso. Revolta da Vacina. **Atlas Histórico do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, [2016]. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/revolta-da-vacina>. Acesso em: 15 out. 2022.

GARCÍA, Susana; MARTÍNEZ, Cristina. Algumas iniciativas para acercar a ciência à cidadania. **Interea Visual**, Corunha, n. 9, p. 44-47, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2377764>. Acesso em: 20 out. 2022.

GOMES, Haendel. A trajetória do médico dedicado à ciência. **Portal Fiocruz**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/trajetoria-do-medico-dedicado-ciencia>. Acesso em: 15 out. 2022.

HÁ MAIS de 100 anos, Revolta da Vacina foi marcada por mortes, estado de sítio e *fake news*. **Portal do Butantan**, São Paulo, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/ha-mais-de-100-anos-revolta-da-vacina-foi-marcada-por-mortes-estado-de-sitio-e-fake-news>. Acesso em: 15 out. 2022.

JOLLEY, Daniel; DOUGLAS, Karen M. The effects of anti-vaccine conspiracy theories on vaccination intentions. **Plos One**, São Francisco, v. 9, n. 2, p. 1-9, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0089177>. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0089177>. Acesso em: 30 out. 2022.

JORNAL DO BRASIL (1904). Um bom principio. *In*: AGUIAR, Eduardo. (Org.). **A Revolta da Vacina e o negacionismo dos positivistas**: como a política e os jornais boicotaram Oswaldo Cruz. Curitiba: Zelig Digital, 2021. p. 42.

JORNAL HOJE. Bolsonaro ataca vacinação infantil contra covid e espalha desinformação sobre mortes de crianças. **G1**, Brasília, DF, 6 jan. 2022. Fala do presidente da República em *live* em redes sociais. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-vacinacao-infantil-contracovid-e-espalha-desinformacao-sobre-mortes-de-criancas.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

LARIVIÈRE, Vincent; SHU, Fei; SUGIMOTO, Cassidy. The coronavirus (covid-19) outbreak highlights serious deficiencies in scholarly communication. *In*: LSE Impact Blog. Londres, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2020/03/05/the-coronavirus-covid-19-outbreak-highlights-serious-deficiencies-in-scholarly-communication/>. Acesso em: 20 out. 2022.

LEVI, Guido Carlos. **Recusa de vacinas**: causas e consequências. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

MELO, Leonardo Wilezelek Soares de; BROIETTI, Fabiele Cristiane Dias; SALVI, Rosana Figueiredo. Análise do Discurso de uma publicação “antivacina” no YouTube e algumas reflexões para a educação em ciências.

Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 111-131, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2021.e74309>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/74309>. Acesso em: 20 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da pandemia de covid-19**. Brasília, DF: Opas, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 10 out. 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni P. Educação em direitos humanos: um discurso. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy *et al.* (org). **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 295-312.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

QUINAN, Rodrigo; ARAUJO, Mayara; ALBUQUERQUE, Afonso de. A culpa é da China!: o discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de covid-19. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 151-174, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27698>. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27698. Acesso em: 11 jul. 2023.

REVISTA TAGARELA (1904). A Vaccina. In: PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **1904 – Revolta da Vacina: a maior batalha do Rio**. Rio de Janeiro: Secretária Especial de Comunicação Social, 2006. p. 16. (Cadernos da Comunicação, Série Memória).

REVISTA TAGARELA (1904). Espertalhão. In: AGUIAR, Eduardo (org.). **A Revolta da Vacina e o negacionismo dos positivistas: como a política e os jornais boicotaram Oswaldo Cruz**. Curitiba: Zelig Digital, 2021. p. 35.

SILVA, Daniel Neves. Revolta da Vacina. **História do Mundo**, [s. l.], nov. 2020. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/insurreicao-popular-na-revolta-da-vacina.htm>. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, Thiago Costa da; SILVA, Patrick Neves de Paula da; GIESEL, Cláudia Cristina Mendes. Uma análise semiolinguística do discurso antivacina no governo Bolsonaro. **Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 9, n. 1, p. 33-45, 2022. DOI: <https://doi.org/10.55028/rpe.v9i1.15653>. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/15653>. Acesso em: 15 out. 2022.

VEGA, Benjamín Camacho. **A importância da divulgação da informação científica publicada nos sítios noticiosos para seu uso nos processos de educação informacional da ciência, tecnologia e informação**. 2018. 388 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34180>. Acesso em: 20 out. 2022.

ZENG, Marcia Lei *et al.* Implications of Knowledge Organization Systems for Health Information Exchange and Communication during the covid-19 pandemic. **Data and Information Management**, Varsóvia, v. 4, n. 3, p. 148-170, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.2478%2Fdim-2020-0009>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/pt/covidwho-828345>. Acesso em: 15 out. 2022.